



Na  
Ouvint  
No Sua,  
Olu

**IX SEMANA  
UNIVERSITÁRIA**



## **O RAP DE INTERVENÇÃO SOCIAL EM ANGOLA E SUA INFLUÊNCIA NO EXERCÍCIO DA CIDADANIA**

Eduardo Yamina Agostinho<sup>1</sup>

Mercio Noberto Kossi<sup>2</sup>

Adolfo Pereira De Souza Junior<sup>3</sup>

### **RESUMO**

O Rap como parte da cultura Hip Hop que busca pela igualdade dos direitos entre os homens pautando a ascensão e emancipação das classes segregadas, lutando contra todo tipo de opressão e prega o exercício da paz como ideal perfeito para o mundo, traz consigo isso desde a sua gênese, embora musicalizada, a necessidade de fomentar cada vez mais a luta contra as assimetrias sociais se assenta, entretanto, Angola não é um palco esquecido ou isolado a esta questão, daí que o presente trabalho traz uma discussão voltada a forma como o Rap se posiciona socialmente na luta contra a opressão em Angola, trazendo em destaque a progressão das lutas para o exercício da cidadania, entretanto, o mesmo trabalho foca os acontecimentos históricos que marcaram o surgimento dos movimentos sociais e civis através da consciência de uma participação que vai crescendo apesar dos entraves impostos pelo governo de Angola.

**Palavras-chave:** Rap; Intervenção social; Angola e Cidadania.

---

UNILAB, Humanidades, Discente, eduardoyaminaa@gmail.com<sup>1</sup>

UNILUANDA, FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL, Discente, mercionorbertokossi@gmail.com<sup>2</sup>

UNILAB, Humanidades, Docente, adolfo.junior@unilab.edu.br<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscar apresentar “A influência que a música Rap de intervenção social” teve para construção da consciência cívica dos jovens em Angola, trazendo em análise o seu papel no final dos anos 90 e as transformações culturais, sociais e políticas atualmente, sobre um contexto social com marcas não democráticas levada a cabo pelo governo angolano, ou seja, busca-se aqui mostrar através desse trabalho a dimensão artística, poética, de causas e lutas que as letras de música RAP retratam, gerando uma mensagem de resistência e criando assim, uma consciência representativa e reivindicativa para os seus ouvintes dando base para criação das primeiras manifestações, organizações e lutas cívicas em Angola, concretamente Luanda.

Criada por negros afrodescendentes e latinos, em 1973 nos Estados Unidos da América, Nova Iorque, concretamente na cidade de Bronx por DJ Kool Herc e sua irmã Cyndi, o Hip Hop é considerado como uma das culturas mais populares do mundo e assente entre o Rap, Djing, Breakdance e o Graffiti, chegou em Angola nos anos 80, através da exibição dos primeiros filmes e vídeo-clipes de breakdance, alguns dos quais, como Breakin’ (1984) de Joel Silberg, exibidos nos cinemas de Luanda e em rede nacional pela Televisão Popular de Angola (TPA), então único canal de televisão com transmissão para todo o país naquela altura (LAZARO & SILVA, 2016). O que mais tarde traria jovens inspirados por rappers americanos, brasileiros e portugueses como Gabriel Pensador, Racionais MC’s, Black Company a fazerem rap de intervenção social em Angola, questionando o estabelecido, iniciando assim a luta contra a permanência do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) dentre os quais se destacam os Filhos da Ala Este, Pobres 100 Culpas, MCK, Kool Klever, G-S Unit, Conjunto Ngonguenha, Flagelo Urbano, Pather Mack, Aframan, Bob da Rage Sense, Raf Thug, Brigadeiro 10 Pacote, Kissaca, Phay Grand O Poeta, Jang Nômade e Carbone, posteriormente Kid MC e outros, uma altura marcada pela guerra civil e os acordos de Bicesse realizados em maio de 1991, que abriria o país para o multipartidarismo e a democratização do Estado (ANTÓNIO, 2015).

O Rap (Ritmo e Poesia), entendido como técnica rítmica onde o canto é mais falado do que cantado, ganha espaço e se torna o maior influenciador, fazendo com que os jovens angolanos em Luanda copiassem o que assistiam nos vídeos clipes e reproduzissem no seu quotidiano desde o vestuário até a forma de falar, criando uma explosão de artistas que fizeram desse estilo musical via para contestar, denunciar, renunciar toda e qualquer violação cometida pelo governo angolano e não só, assim, falar da influência da música Rap de intervenção social em Angola. Objetivo: compreender a influência do Rap de intervenção social na construção da consciência cívica e o exercício da cidadania em Angola, analisando os efeitos na sociedade pós contato com as mensagens e conteúdo do rap social e político produzidos dentro de Angola, entre os anos 90 até então.

## METODOLOGIA

Para entender melhor a influência que a música Rap exerceu na construção de uma sociedade angolana mais cidadã face ao governo do MPLA, usou-se o método qualitativo e as pesquisas documental e bibliográfica, pois, para alcançar o objetivo previsto de um trabalho científico é necessário acumular os conhecimentos científicos através dos estudos feitos por alguns autores com relação ao seu tema (JAU, 2018), então, foram feitas revisões bibliográficas de livros e artigos para o desenvolvimento do trabalho, acreditando na pesquisa bibliográfica, como caminho científico que ajuda a dar resposta a trabalhos com vista produzir saber (SEVERINO, 2007). As análises continuaram sendo feitas qualitativamente através da pesquisa documental também, tudo pela natureza do tema e pelo fato do mesmo trabalho ser concebido como meio para produção



de saber, por essa razão recorreu-se a documentos tais como, gravações, CD's e filme também

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os acordos de Bicesse realizados no ano de 1991, Angola caminhava para a segunda república, marcado por um liberalismo político sob o qual permitiu a realização das primeiras eleições em 1992, permitindo assim o lugar multipartidarismo e com isso o terminou superficial da República (Popular de Angola) monopartidária começada em 1975 com a independência de Angola. O início da guerra civil, sob a pressão das transformações globais pela geopolítica e da polarização política ou ideológica das superpotências antagónicas (os Estados Unidos da América e a União Soviética), denominada guerra fria, que culminou com o desgaste e o declínio da Soviética, que de acordo com ANTÓNIO (2015) Angola via-se obrigada a mudar ideologicamente a estrutura do ponto de vista económico, jurídico e sociopolítico a um sistema liberal de estado democrático de direito.

No ano de 1999, o grupo pioneiro do Rap de intervenção social, Os Filhos da Ala Este lançaram a música “ideal de paz” uma música que mais do que uma sirene a nível social retrata, a guerra que ocorria e denunciava o estado calamitoso de Angola, bem como a não aplicabilidade do que se perspetivou com os acordos de Bicesse no seu todo, enquanto a música “Angola profunda”, lançada no mesmo ano, era de facto uma exposição e manifestação do estado em que o país rumava, como mostra o trecho abaixo:

“Essa é “ngola profunda numa visão dos bastidores/ meu país é o da desilusão e dos sonhos amordaçados/ das esperanças subterradas e de ideias depravadas/ de um povo e de um país sem futuro” (Filhos da Ala Este, 1999).

Estas músicas serviram de inspiração a outras músicas de artistas na altura, como também despertaram os jovens, sobretudo os estudantes, conscientizando-os sobre a necessidade de se afirmarem e discutirem sobre o rumo do país, questionando sobre as tarefas do governo na condução da política a satisfação das necessidades dos cidadãos, assim, originando um crescimento galopante dos denominados grupos de pressão que posteriormente se fizeram em movimentos de pressão social.

Com a chegada do álbum do MCK, em 2002, “Trincheiras de Ideias”, na arena musical angolana, verificou-se um extraordinário crescimento, em termos de audiências do Rap de intervenção social nos famosos espaços consciente que albergavam cidadãos dos denominados musseques (bairros precários) e alguns da classe média influenciou com que as músicas de intervenção social estivessem voltadas a uma onde de mensagens de subversão e questionamentos sobre a razão de existência da máquina governativa, e por consequência houve um bloqueio dos meios públicos de comunicação, gerando assim o espaço consciente, um lugar alternativo onde jovens alimentados por essas músicas discutirem questões como efeitos da guerra no país, panafricanismo, polarização mundial e tantos outros tópicos da altura.

Em Novembro de 2003, a guarda presidencial tendo causado a morte “Arsénio Sebastião, mais conhecido por Cherokee, lavador de carro nas ruas de Luanda (LAZARO& SILVA,2016), ouvinte de MCK, motivou o mesmo rapper no seu álbum posterior denunciasses as atrocidades como o uso injustificável da força militar, abuso de poder para reprimir os cidadãos, a desgovernação.

Em 2010, algo inédito acontece, o rapper de intervenção social Kid MC, por sinal, o mais popular entre todos, inspirado pelo MCK, lançava o álbum Incorrigível, que conheceu um record nacional de vendas discográficas, massificando ainda mais a informação negada nas escolas e outros lugares responsáveis pelo fomento de educação, temas como “incorrigível, metamorfose e Sinto a vossa dor”, deram a continuação da construção do despertar sobre a situação em que Angola se encontrava.

A então manifestação de 2011, realizada por rappers e cidadãos maioritariamente consumidores de rap de



intervenção social dentre os quais Ikonoclasta, Jang Nomada, Mbanza Hanza, Nito Alves e outras icónicas figuras, representou o grito de sufoco entalado há muito tempo na garganta do povo angolano pelas humilhações que recebiam do governo do MPLA, embora se reconhecesse que a nível internacional cresciam as lutas e quedas dos governos ditadores, a famosa primavera árabe na região do norte África e em alguns Estados do Oriente-médio, tiveram um igual impulsionamento, por essa razão o slogan da manifestação foi “32 é muito”, referindo-se aos anos no poder levado pelo ex-presidente angolano José Eduardo dos Santos, que não poupou esforços em chamar esses jovens emancipados de “frustrados”, palavras essas que foram herdadas e chegaram até o seu sucessor João M. G. Lourenço que se referia aos cidadãos activos de “lúmpenes”.

No ano de 2015, quando as manifestações e detenções a manifestantes cresciam por toda Angola, gerando assim o caso “15+2”, dezassete jovens acusados e condenados da tentativa de um golpe de estado. A midiatização e polemização da situação, gerou uma solidariedade nacional e internacional, criando outras manifestações e vigílias, a intervenção da mídia internacional como pressão para libertação dos jovens.

Diante de uma nova geração de conflitos sociais e culturais, caracterizados pela luta sobre as finalidades da produção cultural, educacional, de saúde e informação de massa, como define Goss e Prudencio apud Touraine (1998), o chamamento ao sujeito como uma resistência a uma forma de dominação social contra a qual se invocam valores, orientações gerais da sociedade.

Nesse sentido os rappers, os ouvintes cidadãos e os grupos de pressão mostram que não estão a serviço de nenhum modelo de sociedade perfeita, mas lutam pela democratização das relações sociais, pois reconhecem a necessidade dela para a efetivação do exercício da cidadania que eram relatadas nas suas letras como ouvidas. Em 2019 vários movimentos municipais juntam-se e criaram o Movimento Jovens pelas Autarquias, mais uma vez com iniciativa dos rappers como os professores Gomes Hata, Kambolo Tiaka Tiaka e Fernando Gomes que realizou várias manifestações defronte a Assembleia Nacional influenciando nas discussões dos pacotes autárquicos. Nesta fase entra-se uma era dos movimentos municipais para discussão dos problemas das comunidades e da implementação das autarquias como uma promessa feita pelo recém-eleito Presidente da República João M.G. Lourenço que mesmo após a sua reeleição, as autarquias não passaram de um discurso que falaciosas condenando a autarquias a um “amanhã não cronológico” da descentralização do poder político.

## CONCLUSÕES

Actualmente novas formas ditam os movimentos de contestação social que vão ganhando novos rumos, começando pela modernização dos grupos de pressão ora difusos para agora a construção de movimentos cívicos com vocações de discussão de poderes, a inclusão do género feminino, o surgimento de ONG’s Internacionais que se juntaram a esta luta. O que parece agudizar-se com o passar dos anos a medida que vão aumentando os meios de comunicação que são também espaços alternativos no exercício de cidadania, neste contexto os movimentos sociais e civis ganham consciência de uma participação que vai crescendo apesar dos entraves impostos pelo governo de Angola.

## AGRADECIMENTOS

Os nossos agradecimentos aos nossos familiares com realce as nossas mães Luciana Chimuco Chitungo e Amélia Miguel Ana, pelos esforços que empregam para o nosso desenvolvimento enquanto pessoas e estudantes desde o nosso nascimento até a data presente e aos nossos professores Adolfo Pereira de Souza



Junior e Cláudia Baptista pela disponibilidade e oportunidade que nos deram enquanto orientadores.

## REFERÊNCIAS

ANTÓNIO, Nelson Domingos. Transição Pela Transação: uma análise da democratização em AnGOLA.1. ed. Rio de Janeiro: Polobooks,2015.

A Crítica no HIP HOP-Hitler Samussuku e Megga skills (debate). Estado da Cultura. Luanda, Angola: Kano Kortado TV. 02 de junho de 2021. Podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xyc3RyFboHk>. Acesso em: 28 set. 2023.

Filhos da Ala Este (1996). Ideal de paz [EP]. Gravadora independente

GOSS, K. P. e PRUDENCIO, K. O conceito de movimentos sociais revisitado. Em tese: revista eletrônica dos pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC, Florianópolis, vol. 2, n.1, p.75- 91, jan/jul. 2004. Disponível em: Acesso em: 10 jan. 2011.

Gilson Lázaro e Osvaldo Silva, « Hip-hop em Angola: O rap de intervenção social », Cadernos de Estudos Africanos [Online], 31 | 2016, posto online no dia 29 setembro 2016, consultado o 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cea/2013> ; DOI : 10.4000/cea.2013.

JAU, Mussa. Rap Social Como Forma de Resistência Negra Em Portugal Nos Anos 1980-2000. Projeto de Pesquisa. 1. Ed, Salvador. 2018.

SEVERINO, António Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 24. Ed.Ver. e atual São Paulo: Cortez, 2016.